
EDITORIAL

Após 104 dias, chegou ao fim a greve dos professores das Instituições Federais de Ensino Superior. Cinquenta e uma das 52 IFES aderiram a um movimento forte e coeso que deixou centenas de milhares de estudantes sem aula em todo o país.

No cerne do confronto entre os docentes e o governo, a triste situação de uma Instituição asfixiada pela falta de verbas para o gerenciamento de suas atividades rotineiras, para a manutenção e ampliação de sua estrutura física, submetida constante e crescentemente ao corte de bolsas no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, sujeita a uma inexplicável política governamental que finge ou parece desconhecer o papel que cabe à Universidade no contexto do desenvolvimento do país. Aliado a isso, o seu corpo docente sem qualquer reajuste salarial desde a implantação do plano real, perdendo muitos de seus profissionais para a iniciativa privada.

Fazendo-se um balanço dos resultados do movimento, contabilizam-se ganhos e perdas (ou não conquistas). O debate, neste sentido, é acirrado, eixando transparecer, entre tantas outras coisas, concepções bem diversificadas de educação e de pesquisa principalmente. Mas, em um fórum democrático, onde a pluralidade de opiniões se constitui em uma de suas principais riquezas, isto certamente não poderia ser diferente.

O fato é que os problemas da Universidade foram expostos à sociedade, talvez como nunca até então, através da mídia escrita e televisiva. Muito além das divergências de caráter político e ideológico, os comentários, posicionamentos críticos e debates realizados evidenciaram a todos a necessidade da preservação e defesa de um sistema universitário público e de qualidade. Talvez resida exatamente aí a maior conquista da greve das IFES, segura e incomensuravelmente muito maior do que as reduzidas gratificações que os seus docentes e pesquisadores agregaram a seus contra-cheques.

Os Editores